

Pastoral Urbana: caminhos e perspectivas para uma Igreja em saída missionária à luz da *Evangelii Gaudium*

Rogério José da Silva¹

Resumo: O seguinte trabalho objetiva refletir sobre a pastoral urbana, apontando os caminhos e perspectivas à luz da *Evangelii Gaudium* para um agir missionário da Igreja que atue na cidade com rosto urbano dentro de uma atitude de proximidade, escuta e acolhida. Adotar-se-á a metodologia do ver, julgar e agir. Essa abordagem permitirá uma leitura crítica, teológica, pastoral, motivadora e propositiva da realidade. A finalidade é propositar uma igreja em saída para dentro das cidades, a partir de uma escuta atenta da realidade e abertura ao dinamismo do Espírito Santo que a guia em contextos diversos e plurais nas grandes cidades.

Palavras-chave: Missão. Magistério. Cidades.

1 Introdução

O mundo urbano, compreendido em suas dimensões socioespacial e sociocultural, é um processo que se transforma sem cessar. A realidade urbana se impõe como um dos maiores desafios para a ação evangelizadora da Igreja no século XXI. As cidades tornaram-se o principal habitat da humanidade, reunindo a maior parte da população mundial, com todas as suas complexidades e contradições. No mundo inteiro e, sobretudo, no Brasil, a maioria amplificada da população está concentrada nas cidades. Segundo o censo demográfico de 2022, “do total de 203,1 milhões de pessoas da população brasileira, 177,5 milhões (87,4%) residem em áreas urbanas, enquanto 25,6 milhões em áreas rurais” (IBGE, 2022). Nesse contexto, a pastoral urbana emerge da consciência de que muitos modelos evangelizadores ainda conservam estruturas e práticas marcadas por uma lógica rural e paroquial, insuficientes diante da fragmentação, do anonimato, da exclusão e da pluralidade próprios das grandes cidades.

O tema “Pastoral Urbana: caminhos e perspectivas para uma Igreja em saída missionária à luz da *Evangelii Gaudium*”, situa-se no horizonte de uma teologia pastoral comprometida com a evangelização das cidades. O objetivo é refletir sobre alguns caminhos fundamentais para a pastoral urbana a partir da *Evangelii Gaudium*; analisar a necessidade de abandonar o imobilismo e o tradicionalismo pastoral; destacar a importância da escuta como atitude evangelizadora; evidenciar a centralidade do anúncio essencial do Evangelho; e compreender a saída de si ao encontro do outro como expressão concreta da missão cristã.

¹ Bacharel em Teologia e mestrando em Teologia na Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Padre, Vigário Episcopal da Arquidiocese de Olinda e Recife. E-mail: padrerogoriosilva@gmail.com



A pastoral urbana, longe de ser compreendida apenas como um conjunto de atividades realizadas no espaço da cidade, ela compreende-se como um modo de ser Igreja em meio às realidades urbanas, marcado pela proximidade, pela misericórdia, pela escuta e pelo compromisso com a dignidade humana.

2 Uma pastoral que abandone o imobilismo e o tradicionalismo

A *Evangelii Gaudium* propõe, desde seus primeiros números, uma renovação missionária da Igreja (EG, n.1). O Papa Francisco afirma que a pastoral em chave missionária exige abandonar o cômodo critério pastoral segundo o qual “sempre se fez assim” (EG, n. 33). Essa afirmação possui grande densidade teológica e pastoral, pois toca diretamente uma das principais dificuldades enfrentadas pelas comunidades cristãs como, a tendência à repetição de modelos pastorais que, embora tenham sido fecundos em determinados contextos históricos, já não respondem adequadamente aos desafios atuais. Assim, a pastoral urbana precisa abandonar:

a) O Imobilismo

A superação do imobilismo exige conversão pastoral. Essa conversão não se limita a mudanças administrativas ou a novas estratégias de comunicação. Ela implica uma transformação de mentalidade. É necessário passar de uma pastoral de espera para uma pastoral de procura; de uma Igreja instalada para uma Igreja em movimento; de uma comunidade preocupada apenas com os que já participam para uma comunidade atenta aos que se afastaram, aos indiferentes, aos pobres, aos feridos e aos que nunca se sentiram acolhidos.

A pastoral em chave missionária exige o abandono deste cômodo critério pastoral: ‘fez-se sempre assim’. Convido todos a serem ousados e criativos nesta tarefa de repensar os objetivos, as estruturas, o estilo e os métodos evangelizadores das respectivas comunidades. Uma identificação dos fins, sem uma condigna busca comunitária dos meios para os alcançar, está condenada a traduzir-se em mera fantasia (EG, n. 33).

No ambiente urbano, essa questão torna-se ainda mais evidente. A cidade modifica continuamente suas formas de convivência, seus códigos culturais, suas linguagens simbólicas e suas estruturas sociais. As pessoas vivem em ritmos acelerados, transitam por diversos espaços, constroem vínculos muitas vezes frágeis e experimentam novas formas de pertencimento. Nesse contexto, uma pastoral marcada pelo imobilismo corre o risco de tornar-se incapaz de dialogar com as realidades concretas da vida urbana.



b) O Tradicionalismo

Abandonar o imobilismo não significa desprezar a tradição da Igreja. Pelo contrário, significa distinguir tradição viva de tradicionalismo estéril. A tradição, em sentido teológico, é a transmissão fiel da fé apostólica ao longo da história, sempre iluminada pelo Espírito Santo. O tradicionalismo, por sua vez, tende a absolutizar formas históricas, confundindo costumes, métodos e expressões culturais particulares com o próprio conteúdo da fé. Desse modo, a tradição autêntica é dinâmica, enquanto o tradicionalismo é frequentemente defensivo e fechado.

A paróquia não é uma estrutura caduca; precisamente porque possui uma grande plasticidade, pode assumir formas muito diferentes que requerem a docilidade e a criatividade missionária do Pastor e da comunidade. Embora não seja certamente a única instituição evangelizadora, se for capaz de se reformar e adaptar constantemente, continuará a ser a própria Igreja que vive no meio das casas dos seus filhos e das suas filhas (EG, n. 28).

A fidelidade ao Evangelho não exige a conservação rígida de todas as estruturas pastorais herdadas, mas a capacidade de discernir quais mediações continuam servindo à evangelização e quais se tornaram obstáculos ao anúncio. As estruturas eclesiais devem sair de uma mera manutenção para se tornarem mais missionárias. Uma pastoral presa ao medo de mudar revela, muitas vezes, pouca confiança na ação do Espírito. Uma Igreja em saída assume o risco do caminho, mas prefere uma pastoral marcada pela ousadia missionária a uma segurança estéril e autorreferencial (EG, n. 49).

3 Uma pastoral que escute a todos

A escuta é uma dimensão essencial da pastoral urbana. O Papa Francisco afirma que uma pastoral em chave missionária não se fixa pela transmissão desarticulada de uma multidão de doutrinas a serem impostas com insistência (EG, n. 35). Essa afirmação não nega a importância da doutrina, mas indica que o anúncio cristão deve ser realizado a partir de uma pedagogia pastoral marcada pelo diálogo, pela escuta e pelo discernimento. Nas cidades, a pluralidade é uma realidade constitutiva. Diferentes culturas, religiões, classes sociais, estilos de vida, visões de mundo e experiências pessoais convivem no mesmo território. A pastoral urbana não pode ignorar essa diversidade nem a tratar apenas como ameaça, e para isso é preciso considerar que:

a) A evangelização não é imposição

A escuta antecede a palavra, porque a evangelização não é imposição, mas encontro. Essa escuta deve alcançar diferentes sujeitos urbanos. É necessário ouvir os pobres que vivem nas periferias e experimentam a exclusão social; os trabalhadores submetidos à precarização e ao cansaço; os jovens que buscam sentido em meio à



DEUS HABITA ESTA CIDADE

Anais Eletrônicos do II Congresso Teológico de Pastoral Urbana | Recife 2026

instabilidade; as famílias marcadas por conflitos e novas configurações; os idosos que enfrentam solidão; os migrantes que procuram acolhida; as mulheres que sofrem violência; os dependentes químicos, a população em situação de rua e todos aqueles que se encontram às margens da sociedade.

b) A cidade é lugar teológico

É preciso reconhecer que a cidade é também lugar teológico, isto é, espaço onde Deus continua agindo, interpelando a Igreja e revelando clamores humanos que precisam ser acolhidos. Ouvir a todos significa assumir uma atitude pastoral de humildade. A Igreja não se apresenta ao mundo urbano como quem possui respostas prontas para perguntas que não ouviu. Antes, ela é chamada a aproximar-se das pessoas, conhecer suas dores, compreender suas buscas, discernir suas esperanças e acompanhar seus processos. Ouvir não é apenas recolher informações, mas deixar-se afetar pela realidade. A Igreja que escuta os sofrimentos urbanos não pode permanecer indiferente (EG, n. 174). A escuta deve gerar compromisso, revisão de práticas, presença solidária e transformação missionária.

A presença de Deus acompanha a busca sincera que indivíduos e grupos efetuam para encontrar apoio e sentido para a sua vida. Ele vive entre os cidadãos promovendo a solidariedade, a fraternidade, o desejo de bem, de verdade, de justiça. Esta presença não precisa de ser criada, mas descoberta, desvendada. Deus não se esconde de quantos O buscam com coração sincero, ainda que o façam Tateando, de maneira imprecisa e incerta (EG, n. 71).

A pastoral urbana, para ser fiel ao Evangelho, precisa desenvolver estruturas de escuta, pois a escuta possui dimensão sinodal. É necessário criar espaços reais de escuta nos quais as pessoas possam falar e ser levadas a sério. Além disso, ouvir a todos implica reconhecer a presença de Deus para além dos limites visíveis da comunidade eclesial. Muitas vezes, a cidade revela à Igreja aspectos do Evangelho que foram esquecidos ou negligenciados. Uma pastoral que não escuta tende a transformar o anúncio em discurso abstrato; uma pastoral que escuta torna o anúncio encarnado e, por isso, conduz ao discernimento e à ação. O Evangelho anunciado depois da escuta não aparece como teoria distante, mas como resposta de sentido, consolo, esperança e voz profética.

4 Uma pastoral que foque no anúncio essencial

A centralidade do anúncio essencial constitui um dos eixos fundamentais da *Evangelii Gaudium*. O Papa Francisco recorda que, quando se assume um objetivo pastoral e um estilo missionário que realmente chegue a todos, o anúncio concentra-se no essencial, isto é, naquilo que é mais belo, mais importante, mais atraente e, ao mesmo tempo, mais necessário (EG, n. 35). O anúncio essencial não pode ser reduzido a uma abstração de formulações, por isso, precisa-se afirmar que:



DEUS HABITA ESTA CIDADE

Anais Eletrônicos do II Congresso Teológico de Pastoral Urbana | Recife 2026

a) Jesus Cristo é o centro da evangelização

No anúncio do essencial estar o centro da evangelização que é Jesus Cristo morto e ressuscitado, revelação do amor misericordioso do Pai e fonte de vida nova no Espírito. Contudo, esse anúncio possui consequências concretas, ele conduz à fraternidade, à justiça, à misericórdia e à opção preferencial pelos pobres. Portanto, anunciar o essencial é proclamar o amor salvador de Deus em Cristo e manifestá-lo em práticas históricas de cuidado e libertação. Uma pastoral que apresenta a fé como um conjunto pesado de normas, obrigações e discursos desconectados da vida corre o risco de não ser compreendida como boa notícia.

b) Vincular o anúncio cristão à opção pelos pobres

A evangelização não é autêntica quando ignora as desigualdades urbanas. As cidades revelam com intensidade as contradições sociais: condomínios luxuosos ao lado de favelas, centros comerciais próximos de populações em situação de rua, abundância de consumo convivendo com fome e precariedade. Nesse cenário, anunciar o Evangelho sem tocar a realidade dos pobres seria trair o próprio conteúdo da mensagem cristã. A opção pelos pobres não é mera estratégia pastoral para alcançar determinados grupos sociais. Ela pertence ao coração da fé, porque Deus se revelou de modo especial junto aos pequenos, aos marginalizados e aos sofredores.

Para a Igreja, a opção pelos pobres é mais uma categoria teológica que cultural, sociológica, política ou filosófica. Deus manifesta a sua misericórdia antes de mais a eles. Esta preferência divina tem consequências na vida de fé de todos os cristãos, chamados a possuírem 'os mesmos sentimentos que estão em Cristo Jesus' (Fl 2, 5). Inspirada por tal preferência, a Igreja fez uma opção pelos pobres, entendida como uma forma especial de primado na prática da caridade cristã, testemunhada por toda a Tradição da Igreja (EG, n. 198).

Na pastoral urbana, isso exige deslocamento de prioridades. Muitas comunidades investem grande parte de suas energias em atividades internas e em públicos já integrados à vida eclesial, enquanto as periferias existenciais permanecem pouco acompanhadas. Concentrar o anúncio no essencial significa perguntar onde estão os crucificados da cidade e como a Igreja pode estar junto deles. A resposta não pode ser apenas assistencialista, embora a assistência imediata seja necessária. É preciso unir caridade, promoção humana, defesa da dignidade e transformação social. Por isso, uma pastoral urbana centrada no essencial deve cultivar uma linguagem querigmática, misericordiosa e socialmente comprometida.



5 Uma pastoral capaz de sair de si ao encontro do outro

Sair de si ao encontro do outro é, antes de tudo, uma exigência evangélica. O próprio mistério da encarnação revela um Deus que sai de si, aproxima-se da humanidade e assume sua condição histórica. Em Jesus Cristo, Deus não permanece distante, mas entra na realidade humana, caminha com os pobres, toca os enfermos, senta-se à mesa com pecadores e oferece vida aos marginalizados. Uma Igreja em saída deve considerar:

a) Saída como movimento divino de aproximação.

Uma Igreja em saída missionária não espera que as pessoas venham até ela. Ela vai ao encontro (EG, n. 20). Essa atitude de proximidade é especialmente necessária na cidade, onde muitos já não se sentem vinculados à paróquia territorial ou não reconhecem a instituição eclesial como referência significativa. A pastoral urbana precisa deslocar-se dos espaços tradicionais para os lugares onde a vida acontece: ruas, praças, escolas, universidades, hospitais, presídios, centros de acolhida, locais de trabalho, meios digitais e periferias.

b) Sair de estruturas que não mais comunicam

Esse movimento de saída não deve ser compreendido apenas em sentido geográfico (Suess, 2019, p. 46-47). Há também uma saída simbólica, cultural e espiritual. A Igreja precisa sair de linguagens incompreensíveis, de posturas autorreferenciais, de estruturas excessivamente burocráticas e de julgamentos precipitados. Ir ao encontro do outro supõe disposição para entrar em seu universo, compreender sua linguagem, respeitar sua história e reconhecer sua dignidade. A saída missionária exige proximidade. Não basta organizar eventos ou campanhas. A pastoral urbana deve cultivar relações.

c) Saída para as periferias geográficas

Ao aproximar-se dos pobres, dos afastados, dos sofredores e dos diferentes, a comunidade cristã redescobre aspectos essenciais do Evangelho (EG, n. 198). A missão não é via de mão única, como se a Igreja apenas levasse algo a quem nada possui. O outro também revela, interpela e transforma. Muitas vezes, os pobres evangelizam a Igreja, recordando-lhe a simplicidade, a confiança em Deus e a urgência da justiça. A saída cristã nasce do encontro com Cristo e retorna continuamente a Ele. É a partir dessa fonte que a Igreja encontra força para ir às periferias, permanecer junto aos feridos e anunciar esperança em meio às contradições da cidade.



DEUS HABITA ESTA CIDADE

Anais Eletrônicos do II Congresso Teológico de Pastoral Urbana | Recife 2026

6 Considerações finais

A pastoral urbana em chave missionária requer uma profunda conversão missionária da Igreja diante dos desafios complexos da cidade contemporânea, longe de serem apenas obstáculos, esses desafios são vistos como chamados do Espírito para renovar a presença eclesial. Ao abandonar o imobilismo, ouvir a todos, concentrar-se no essencial e sair ao encontro do outro, a comunidade cristã torna-se fiel ao Evangelho e capaz de anunciar, com palavras e gestos, a alegria que nasce do encontro com Jesus Cristo. Assim, a pastoral urbana, tornar-se expressão viva de uma Igreja em saída, próxima dos pobres, aberta ao diálogo, centrada no Evangelho em meio à complexidade urbana. A cidade, com suas luzes e sombras, continua sendo lugar onde Deus habita, chama e envia. Por isso, a pastoral urbana deve ser marcada pela confiança no Espírito Santo, que precede a ação evangelizadora da Igreja e continua suscitando caminhos novos. Uma Igreja em saída missionária não teme a complexidade urbana, mas a assume como campo privilegiado da missão.

101

Referências

AQUINO JÚNIOR, Francisco de. **Teologia em saída para as periferias**. Editora Paulinas, 2019.

CNBB. **Pastoral Urbana, desafios e perspectivas**. 1ª edição. Brasília, DF: Edições CNBB, 2024.

COMBLIN, José. **Pastoral Urbana: o dinamismo na evangelização**. São Paulo: Editora Vozes, 1999.

FRANCISCO, Papa. **Exortação Apostólica Evangelii Gaudium: a alegria do Evangelho**, 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_2013112_evangelii-gadium.html. Acesso em: 05 jun. 2026.

IBGE. Agência de Notícia, 2022. **Censo 2022: 87% da população brasileira vive em áreas urbanas**. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/41901-censo-2022-87-da-populacao-brasileira-vive-em-areas-urbanas>. Acesso em: 11 maio. 2026.

SUESS, Paulo. **Projeto missionário**. São Paulo: Editora Paulinas, 2029.

WOLFF, Elias. **A teologia e a pastoral na cidade: desafios e possibilidades atuais**. São Paulo: Paulus Editora, 2021.

